

19° 22' 44" N
99° 10' 50" 0

A coleção Capitais & Cafundós trabalha com expedições literárias. As rotas são constantemente recalculadas, não há centro. O mapa que temos a bordo nos foi dado por aves migratórias, para quem as fronteiras não existem.

Metrópoles, vilarejos esquecidos, florestas, desertos, sertões, campos ermos, mundos imaginários sólidos ou esfacelados: os destinos são obras cujo território extrapola o pano de fundo, participando como organismo vivo, tão complexo quanto seus personagens.

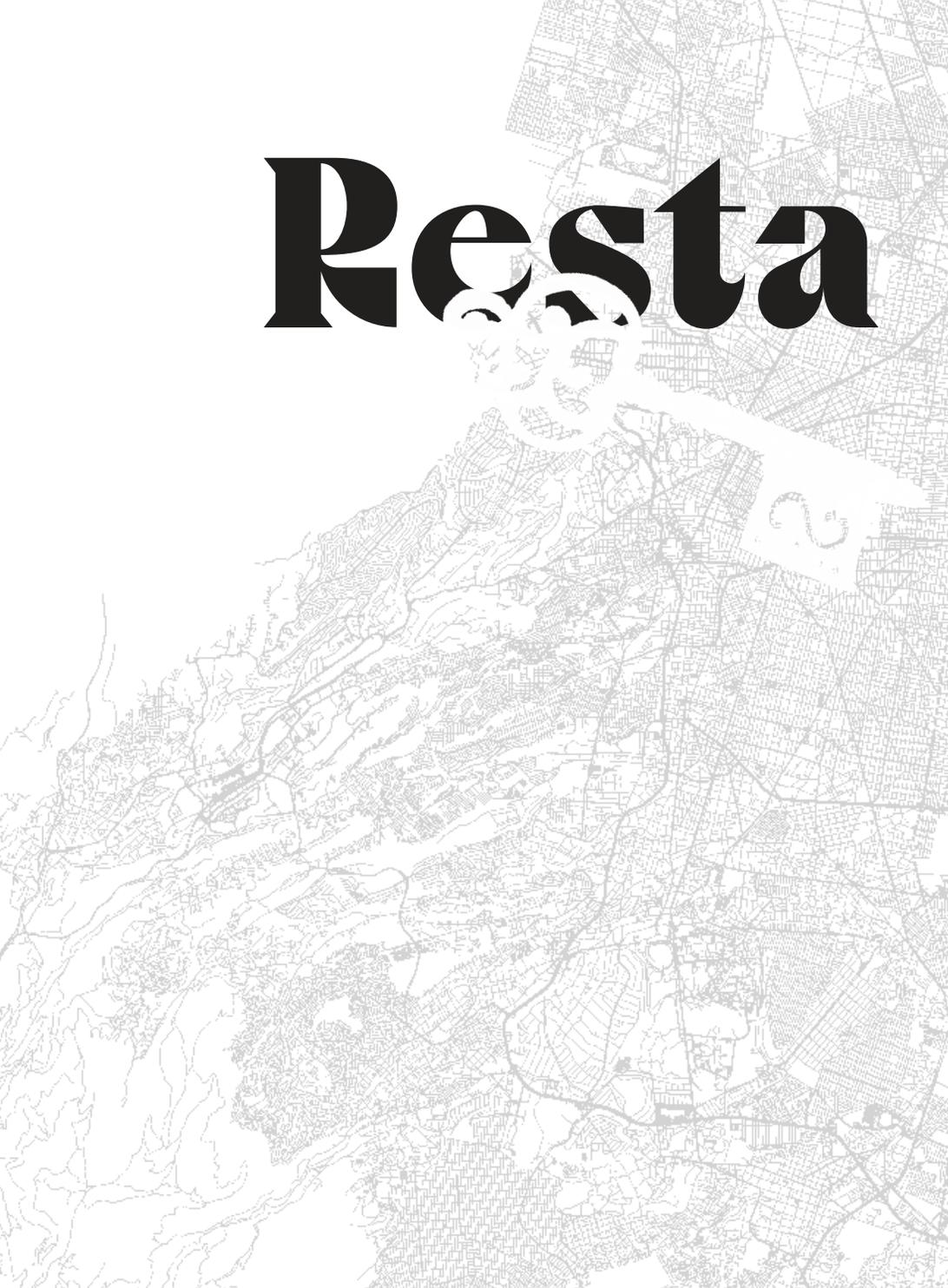
A tradição *flâneur* ressurge aqui com outros tempos; da América Latina e do Caribe, certamente, mas não só. Vasculharemos sem receio, talvez com alguma imprudência, curvas improváveis, dobras geológicas, nascentes ainda no subterrâneo – quem sabe uma história insuspeita não esteja ali?

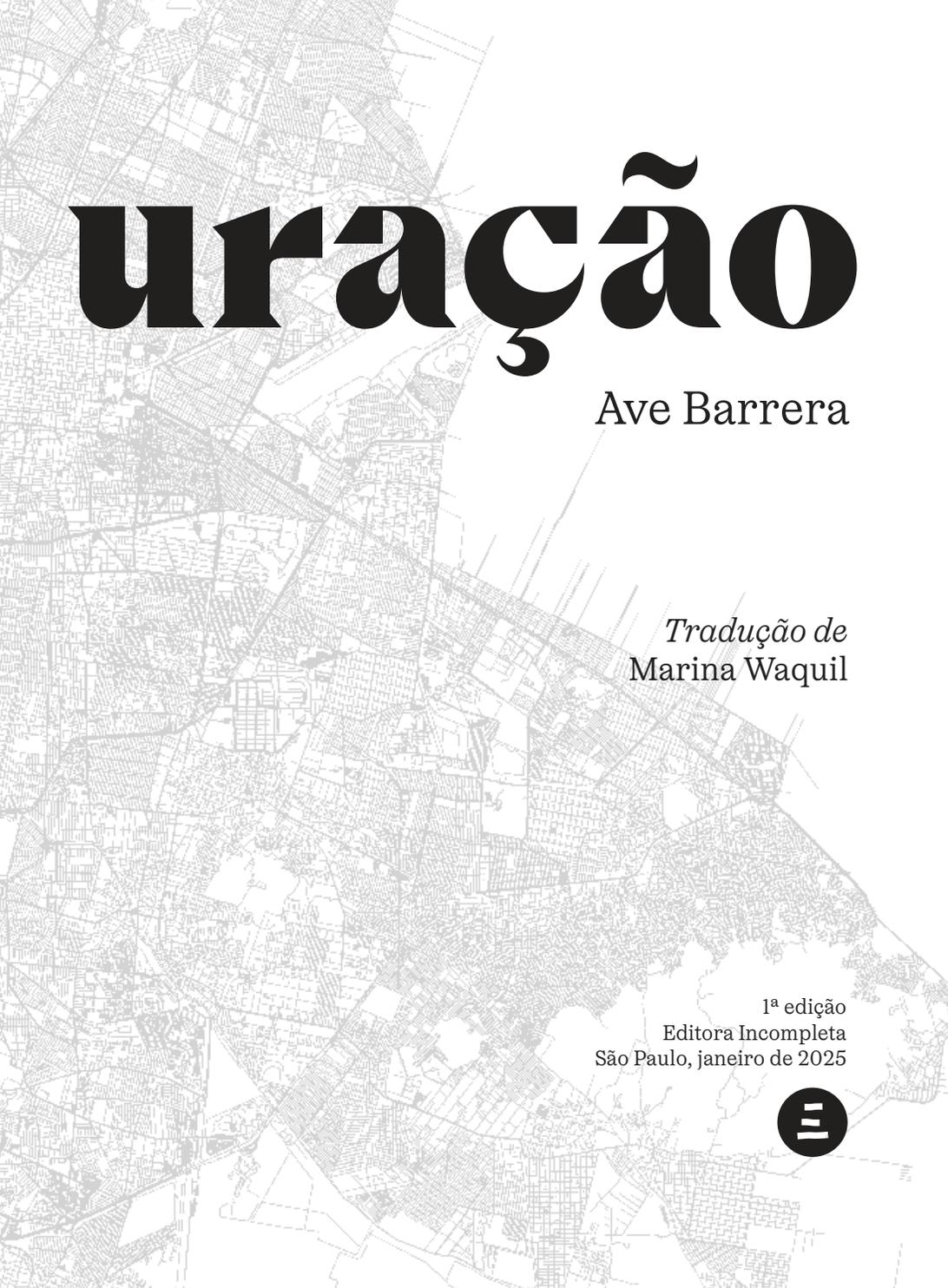
Para quem gosta de horizontes largos, temos assento à janela. Aos que usufruem dos detalhes, reservamos lugares no corredor, onde a história se monta por fragmentos e conversas à meia-voz. De todo modo, não prometemos conforto.

No fim das contas, as fronteiras existem – tudo existe depois de ser criado –, mas suas linhas não inibem o movimento do desejo e da necessidade. Somos migrantes. Reescrevemos. Não nos acomodamos, pois, o mais importante: não sabemos quem somos. E no lugar de um espelho, nos interessa a vista, os voos erráticos que tentam escapar da força dos ventos dominantes.



Resta





uração

Ave Barrera

Tradução de
Marina Waquil

1ª edição
Editora Incompleta
São Paulo, janeiro de 2025



*Sou, talvez, a lembrança mais remota de mim mesma
na memória de outra que imaginei ser.*

*[...] Sou a materialização de algo que está prestes a desaparecer;
uma lembrança prestes a ser esquecida...*

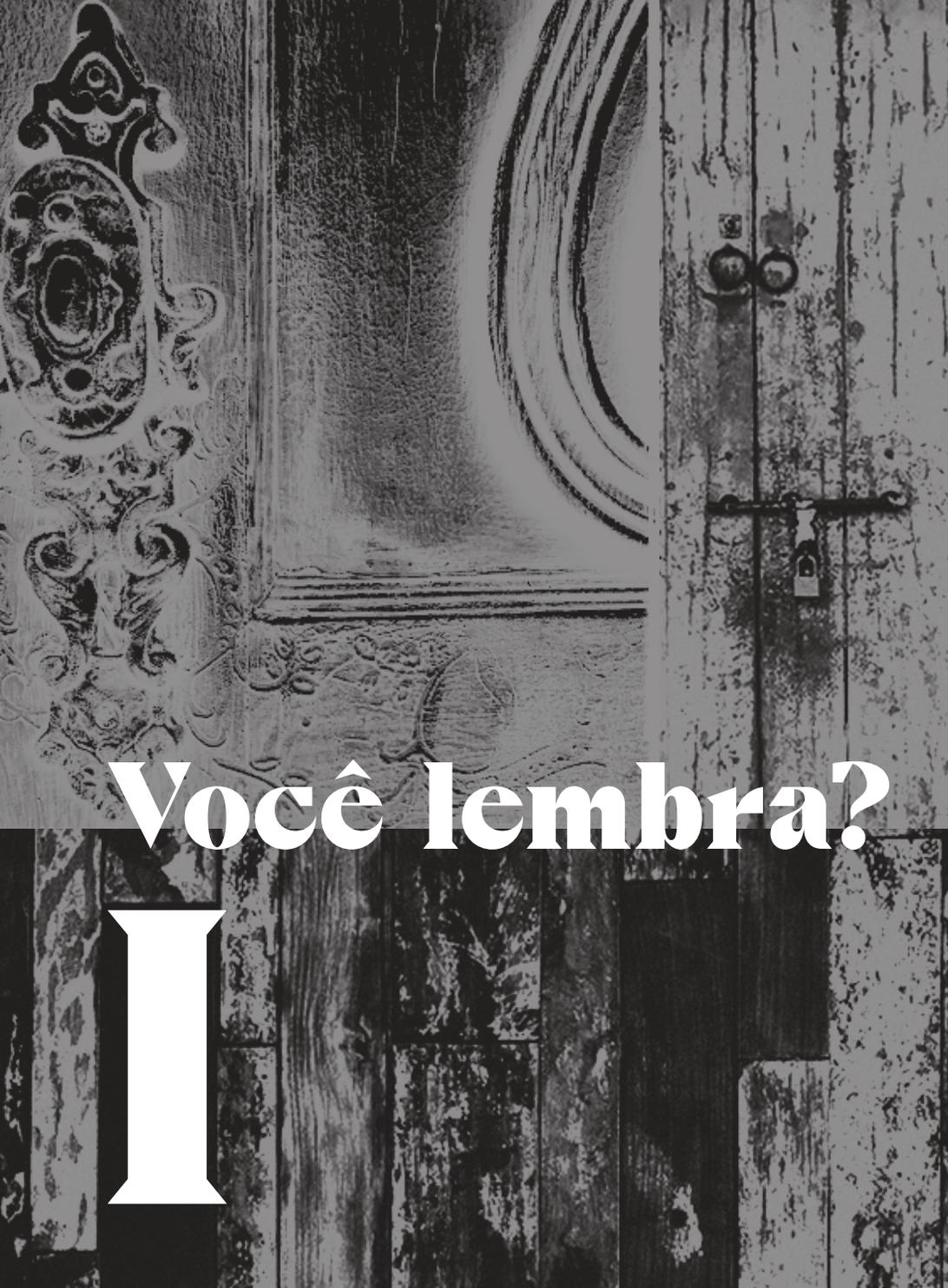
“Farabeuf”, SALVADOR ELIZONDO



I | Você lembra? 13

II | A quimera 87

III | Restauração 199



Você lembra?

I

A fotografia mostra um corpo prestes a ser desmembrado. O rosto olha para o céu, em transe, distante da dor. Eu o reconheço. É o meu rosto. Retiro a foto do quadro de cortiça. Seguro a ponta do papel entre o indicador e o polegar. Inspiro. Meu pulso está agitado. Sou eu. O corpo montado numa estrutura de três estacas é o meu corpo, nu, completamente exposto; os braços amarrados para trás, as clavículas saltadas, a ponto de quebrar. Fios de sangue escorrem pelo torso, dos seios decepados até o púbis. Das pernas, só se vê o que resta das coxas. A palidez da pele contrasta com a cortina preta que cobre o fundo da imagem e o chão. Sou esse recorte de luz, sinédoque inegável de uma realidade que minha memória não reconhece. Olho para o meu corpo, este outro, o presente, vestido e com todas as suas partes; parado em frente ao quadro de cortiça, descompassado de si. Como quem se olha num espelho de três folhas e se reconhece, mas como algo diferente e inquietante, mais real.

Na imagem também há dois homens. Estão atrás de mim e seguram os suportes. A sombra ou o ângulo esconde os rostos deles. Um é corpulento, usa jaleco de médico e tem nas mãos uma serra cirúrgica. O outro é o dignitário e veste um casaco de tweed. Os braços de ambos se estendem em direção ao corpo, formando intencionalmente o ideograma chinês *Liu*. Um terceiro é quem bate a foto, quem dispara o obturador no momento exato.

Lembro a primeira vez que Zuri me mostrou a casa. Ele pegou minha mão para atravessar a rua, parou na esquina e de repente disse: é aqui. Olhei para a fachada neocolonial. Era um casarão de três andares, abandonado nos braços de trepadeiras mortas. Percorri com o olhar a altura mediana dos muros, os acabamentos em *cantera* rosa, esculpida com volutas e ramalhetes, em contraste com a suavidade branca dos fundos sulcados por rachaduras e água da chuva. A copa de uma tulipeira acariciava o telhado e os arcos da torre mais alta. A luz do sol pulsava pelas frestas dos galhos. Por trás das cortinas surradas, vislumbrava-se a presença das sombras e do esquecimento.

Desde criança, sempre que passava em frente a uma casa como essa, eu era invadida por uma estranha vontade de resgatá-la de seu abandono, uma nostalgia de caminhar sobre os pisos envernizados, com cheiro de cera, de sonhar sob aqueles tetos altos e respirar a brisa amena da tarde, aninhada em alguma de suas varandas. Que vontade de morar aí, eu pensava, ao ver de fora aqueles palácios em ruínas, tão desperdiçados. Que vontade de dizer aos proprietários que, em troca, eu poderia encerar o chão com prazer, acomodar as plantas nos vasos, afugentar o silêncio com a música de antigos discos de *chanson française*, aquecer as salas com o crepitar do fogo e o cheiro de pão recém-saído do forno.

Paramos em frente ao chanfro da entrada, enquanto Zuri procurava as chaves no fundo de sua mochila. Me aproximei da mureta composta por valas de pedra. Cada vala estava tapada por uma treliça de barro, formada por meias-luas sobrepostas que compunham um tecido de escamas de peixe. Vi por entre as frestas o caminho circular que cercava a construção como o fosso de um castelo medieval. Enfiei a mão numa das valas e acariciei o musgo que havia crescido sobre o barro. Zuri estendeu o molho de chaves e tentou abrir com a primeira. Parecia nervoso.

Eu, por outro lado, me sentia aliviada, feliz, porque as coisas estavam voltando ao normal. Nos dias anteriores, vivera um pequeno inferno. Tivemos uma discussão e ele saiu sem dizer nada. Mais de uma vez aconteceu de Zuri desaparecer por vários dias, chegar de repente no Instituto, comprar um sorvete para mim e me contar que havia sofrido uma de suas crises. Pedia que eu entendesse, que tivesse paciência. Mas dessa vez foi diferente, não só pela discussão, mas porque ele ficou três semanas sem dar sinal de vida. Durante esse tempo, enviei todo tipo de mensagens: desesperadas, conciliatórias, afetuosas, despreocupadas e raivosas. Depois, a essa preocupação com ele somou-se a angústia com o meu atraso.

Eu estava começando a me acostumar com a ideia de que nunca mais o veria quando recebi sua ligação, como sempre, sem oi, tchau ou protocolo. Vamos tomar café amanhã de manhã?, perguntou como se fosse uma sexta-feira qualquer, às 18h40. Hesitei, porque eu queria perguntar se ele estava bem, se estávamos bem, mas sabia que sua reação imediata seria desligar, então disse sim, até amanhã, e ele desligou. Quase não consegui dormir, pensando no que falar, em como agir. Por isso senti um alívio imenso quando ele chegou e me abraçou, como se nada tivesse acontecido. Afundou o rosto no meu pescoço, respirou fundo, senti que ele sorria. Depois nos afastamos, entramos no restaurante e fomos nos sentar à segunda mesa perto da janela, viramos as xícaras e esperamos que nos trouxessem o bule de café. Ele, como fazia todos os sábados, pediu ovos beneditinos, torradas, suco de toranja, torta de ruibarbo, e eu, dessa vez, pedi *chilaquiles rojos*.

Quando a garçonete saiu com nosso pedido, Zuri começou a falar sobre sua viagem a Chicago, como se eu soubesse de tudo e ele só precisasse me dar os detalhes. Falou das noites que havia passado no hospital, ao lado da cama do tio-avô, de como tinha

se sentido mal, inquieto, insone, exposto a possíveis infecções. Falou do cheiro perpétuo de leite estragado na casa da tia Silvia, onde estava hospedado. No terceiro dia, dom Eligio sucumbiu a uma parada respiratória, e depois disso, como em um sonho turbulento, vieram a morte, a assinatura de documentos, o funeral com pouca gente, a leitura do testamento e o cumprimento do seu desejo de que as cinzas repousassem na antiga casa da família, abandonada havia mais de trinta anos.

O encontro tinha sido tão leve e amigável que, por um momento, pensei em contar. A conversa teria sido algo como: ei, por falar em clínicas... sei que você odeia esse assunto, que é uma questão pra você, mas exigem que eu vá com um acompanhante. Dependendo da expressão que ele fizesse, eu explicaria sobre o exame de urina e sangue, diria que era um procedimento simples e que eu não tinha nenhum conflito com aquilo; era a mesma coisa que ir ao dentista e tirar o siso, porque é preciso tirar o siso e ponto. Se o visse ficar tenso, trataria de acalmá-lo: não haveria censura, não haveria culpa ou questionamento, não haveria outra exigência além de sua presença, de sua companhia e talvez de uma pequena ajuda na saída, pedir o táxi para casa, me trazer uma xícara de chá, uma sopa, o analgésico e o cobertor. Nada mais.

Mas então ele pediu que eu o acompanhasse para ir ver a casa. Queria que eu desse uma olhada na construção para avaliar se seria viável restaurá-la e se eu estava disposta a coordenar a obra. E é claro que eu estava. Mais do que disposta, estava feliz por estarmos juntos novamente, tão tranquilos e com a perspectiva de um plano. Eu não iria estragar tudo falando sobre o outro assunto, claro que não. Teríamos outras oportunidades. Ou talvez fosse melhor fazer aquilo por minha conta, sem dizer nada, e poupá-lo do choque, não perturbar a calma que começava a florescer nas coisas.

Posso roubar um pedaço?, perguntei, e ele me passou a torta sem hesitar, o que confirmou o progresso; havia terreno firme para seguir em frente. O normal era que ele respondesse contrariado, que pedisse ao atendente outra fatia para mim – e eu recusasse porque era demais –, e que, se me deixasse experimentar, não tocasse mais no prato.

Saímos do restaurante e atravessamos a Insurgentes em direção ao Parque Hundido. Descemos pela ladeira do relógio, contornamos sem pressa os caminhos entre cães, crianças gritando, atletas suados e réplicas de monumentos pré-hispânicos escondidos na vegetação rasteira. Fomos até o extremo oposto, onde o jardim de sebes aparadas dava lugar a um bosque mais denso. Zuri me guiou até uma rampa e saímos do parque. Do outro lado da rua, atrás da copa das tulipeiras, dos jacarandás e eucaliptos, a casa esperava.

Por alguns minutos, Zuri lutou com a grade do portão de entrada sem encontrar a chave certa. Estava tenso, mal-humorado, sabia que a casa devia estar infestada de insetos e sujeira. No entanto, ele confiava em mim. E isso fazia com que eu me sentisse valiosa. A cada tentativa, ele tinha de limpar a chave com um lenço umedecido, abrir e fechar o zíper da mochila três vezes depois de guardar o pacote, fracassar e voltar a fechar e abrir a mochila três vezes para pegar os lenços umedecidos e limpar a próxima chave. Começou a se desesperar. E se a gente pular?, perguntei. A parte inferior das valas da mureta chegava a menos de um metro do solo, por isso não tive dificuldade em colocar o pé na base e me segurar na treliça para subir. Fui enfiando as pontas dos tênis entre as escamas, montei na parte superior e pulei no fosso infestado de lagartos imaginários. Zuri permanecera parado e me olhava com o cenho franzido do outro lado da grade. Ficava louco quando eu fazia esse tipo de coisa. Para ele, era completamente impossível

pular uma corrente esticada entre dois postes, se agachar para evitar as faixas que delimitavam a fila do banco, ou atravessar a rua com o semáforo verde, mesmo que nenhum carro estivesse passando. Eu tentava me adaptar aos seus hábitos, mas às vezes o senso prático das coisas me vencia e isso o irritava. Assim que cheguei ao outro lado da grade, pude ver que a fechadura tinha uma trava de segurança. Só precisávamos tirá-la e abrir.

A porta da casa era de ferro forjado, com um fundo de vidro texturizado, enquadrada por um robusto arco semicircular de *cantera* trabalhada em talha barroca. Um estilo clássico dos casarões neocoloniais da Cidade do México. Para chegar à porta era preciso subir três degraus. Dessa vez a fechadura não ofereceu resistência. Não houve aviso ou presságio. Quando a porta se abriu, a lufada de ar agitou o hálito sombrio aninhado nos cantos, e deixamos entrar o vento morno que vinha de fora. Nossa voz estremeceu o silêncio e, com nossas pegadas, marcamos a poeira depositada sobre o piso.

Eu tinha onze anos quando cortei a ponta do dedo indicador esquerdo com uma serra de fita. Estava cortando uma tira de azinheira para a tampa do cofrinho onde iria guardar os brincos de ouro vermelho em formato de morango que minha mãe acabara de me dar de presente. É claro que eu era proibida de usar o maquinário da oficina, mas estava sozinha e me pareceu a coisa mais simples do mundo marcar a folha de madeira com um lápis, apertar o interruptor e serrar, em vez de gastar não sei quantas horas forçando o arco de serra entre os fios transversais para que, no fim, o corte nem ficasse limpo.

Eu já havia usado a serra de fita várias vezes, mas com a ajuda do meu pai. Os braços dele envolviam os meus, e as mãos direcionavam o percurso. Achei que estava pronta para fazer aquilo sozinha. Cortei as laterais e a base. Meu orgulho crescia à medida que os dentes avançavam pelas fibras, a concentração na linha do grafite. Foi tudo muito rápido. Quando vi o vermelho e a ponta do dedo no meio da serragem, não senti dor, só fiquei perplexa. Não conseguia entender a passagem de um momento para o outro, o antes e o depois do corte. Fechei o ferimento com o punho da outra mão, desliguei a serra com o cotovelo e corri para a casa da minha avó em busca da minha mãe. Ela voltou à oficina para pegar o dedo. Embrulhou-o em um pedaço de papel higiênico e o guardou no bolso do meu moletom. Disse que talvez eles conseguissem colocá-lo de volta. O sangue denso e quente jorrava por baixo da manga. No carro, a caminho da Cruz Vermelha, uma dor surda começou a me envolver, não só no ferimento, mas no braço, no torso, no corpo inteiro, como se, em vez de ser cortada, eu tivesse levado golpes com um bastão. Contudo, a dor de verdade só veio depois, quando fiquei sozinha com os paramédicos e abri a mão para mostrar a eles aquele dedo indicador decepado, quando tirei o volume de papel higiênico do bolso e o entreguei a eles.

O médico examinou o fragmento sob a luz de uma lâmpada, virou-o com a ponta da pinça, fez uma careta e disse: não vai dar pra recuperar. O corte estava coberto de serragem. A madeira havia penetrado no tecido e, por mais que lavassem, poderia infeccionar. Deixou o embrulho na bandeja e então compreendi que aquele fragmento com a unha e o osso tinha sido parte de mim, mas já não era mais. O médico pegou minha mão e colocou o ferimento sob a luz, tocou a falange e, naquele momento, a dor me percorreu subitamente, como se a serra tivesse acabado de me cortar e continuasse cortando todo o meu corpo em pedacinhos. Injetaram anestesia em vários pontos da minha mão e logo os medicamentos começaram a fazer efeito. Eu me sentia feita de espuma. Nada podia me machucar. Observava com o olhar apalermado enquanto a agulha entrava e saía da minha pele. Eu conseguia sentir o fio preto passando pelo buraco de cada ponto. Quando o médico terminou a sutura, vi que meu dedo parecia uma salsicha, e aquilo me fez rir muito, não conseguia parar de rir. A enfermeira de plantão falou: vai dormir, menina; mas no fim ela acabou contagiada pela minha risada, e o homem que estava na cama ao lado também, porque meu dedo realmente parecia uma salsicha de desenho animado, inflada e curvada, com seu nó na ponta, e a cada vez que o via, eu começava a me contorcer de tanto gargalhar. Na escola, tive que tirar o curativo várias vezes para acreditarem que eu havia cortado o dedo e que o resultado era a coisa mais engraçada do mundo. A ferida cicatrizou, removeram os pontos, o inchaço desapareceu e meu dedo perdeu a graça. No fim do quinto ano, só havia um toco rosa com o qual eu intimidava minhas primas e aqueles que tentavam zombar de mim.

O curioso foi que, longe de me afastar das máquinas da oficina, descobri que o acidente com a serra havia me dado um talento especial para manusear todo tipo de ferramenta, para aprender

técnicas apenas observando-as no movimento das mãos alheias, para transformar a matéria por capricho. Eu tinha pagado o preço, tinha me despojado de um pequeno fragmento de mim mesma, então merecia algo em troca daquele sacrifício propiciatório, era justo.

Claro que, depois do incidente, não foi fácil convencer meus pais, especialmente minha mãe, a aceitar aquela vontade obsessiva de fazer e reparar. Ela preferia me manter ao seu lado, junto à máquina de costura, na parte superior do mezanino que dividia a nossa casa em “área empoeirada” e “área não empoeirada”. Abaixo, o princípio masculino, áspero e bagunçado, que se opunha ao universo doméstico, feminino e limpo da parte de cima. Os dois mundos eram ligados por uma pequena escada marinho, com degraus cobertos por um tapete verde-floresta, onde nossos pés iam se limpando à medida que subíamos. Os primeiros degraus ficavam saturados de serragem, mas a sujeira ia desaparecendo progressivamente até os três últimos, que em geral estavam limpos.

No andar de cima, metade do mezanino era ocupada por rolos de tecido, um manequim sem cabeça, uma mesa que minha mãe usava como tábua de passar e uma Singer com um móvel de madeira, que tinha uma série de gavetas compridas e estreitas na lateral, onde ela guardava desde linhas, carretéis e agulhas até os objetos mais inesperados, como uma mãozinha de santo, *milagritos*¹ enferrujados, um par de dados e o passaporte do meu bisavô. No mezanino também ficavam a TV, uma poltrona forrada com uma manta de crochê e a escrivaninha onde eu fazia as tarefas da escola; nós três nos sentávamos ali para comer quando não dava tempo de ir à outra casa, com minha avó, onde só

1. N. da T.: peças de metal típicas do México, utilizadas para pedir favores divinos ou agradecer por eles.

aparecíamos para dormir e tomar banho. Quando tinha entre cinco e dez anos, eu passava as tardes no andar de cima, geralmente sozinha, com os joelhos no tapete, entretida com meus livros de colorir ou brincando com bonecas. No perímetro do tapetinho, eu distribuía a planta de uma casa, com divisões demarcadas pelos volumes de uma enciclopédia ou de uma caixa de sapato: aqui é o quarto e ali a cozinha, ali é a sala e aqui o jardim. Estava sempre trocando a roupa da minha boneca, arrumando seus cabelos com tranças ou coques, e ela nunca ficava pronta para ir à festa com as irmãs imaginárias, que não chegavam nunca. Muito de vez em quando alguma prima brincava comigo; para isso eu tinha que chorar, implorar de joelhos e pedir mil permissões. A família estendida da minha mãe não era das mais generosas.

Naquela época eu gostava de observar minha mãe enquanto ela costurava. Lembro do som de sua enorme tesoura de anéis pretos cortando lentamente o tecido sobre o tambor oco da mesinha: rac, rac, rac, a luz quente e redonda da luminária suspensa de vidro chumbado, o pedaço de sabão que ela usava para marcar o tecido, alfinetes espetados no tecido ou na bolinha de veludo azul. Minha mãe me dava as sobras para que eu pudesse vestir as Barbies, repetindo em miniatura os modelos que ela fazia em tamanho real. Ela me ajudava a costurá-los na Singer, ou me sentava em seu colo para que eu mesma costurasse. Daquele doce ninho, eu observava as mãos cheias de pintas da minha mãe preparando a máquina, passando óleo, limpando os fiapos com o pincel, enrolando o carretel com linhas da mesma cor, inserindo o filamento em cada uma das fendas, tomando cuidado para acertar os pontos em cada um dos buracos, porque, se pulava um, o fio se enroscava no tecido e a situação terminava em desgraça. Mas minha mãe conhecia sua Singer como ninguém. Fazia todos os testes e preparativos necessários para

então suturar as peças com exatidão e alcançar o milagre de dar corpo ao tecido.

Com o passar do tempo, porém, o caráter resinoso da serragem e o barulho das máquinas lá embaixo, na oficina do meu pai, começaram a exercer um forte magnetismo sobre mim. Descia as escadas e me esgueirava pela lateral, junto às centenas de tábuas, troncos e placas de compensado que ficavam encostados na parede, inquietos, como se estivessem sobre brasas, esperando sua vez. De seus corpos emanava um calor quase humano; tinham rosto, olhos que emergiam dos cortes longitudinais, perfis e semblantes paralisados num clamor, num sorriso mesquinho, num gesto retorcido. Eu ia até o meu pai e o observava se dedicar à uniformidade, com uma plaina da qual brotavam lascas perfeitamente enroladas.

O chão ficava todo coberto de serragem, aparas, tiras e pedaços de madeira de todos os formatos. Era confortável estar ali, isolada do frio, em meio ao perfume de floresta macerada, da tinta e da cola. Claro que quando ele lixava madeira de *parota*, era preciso debandar, porque o ar ficava tomado por uma ardência apimentada que aderida à garganta e nos fazia tossir sem parar. Assim que papai colocava a máscara industrial, minha mãe pegava sua sacola de compras e sua bolsa e me dizia: vamos. Comprávamos com mais calma que de costume, nos demorávamos nos armarinhos olhando os catálogos, as amostras de botões, a paleta de cores das linhas Gutermann, os rolos de fita bordada, e só voltávamos quando a tempestade de serragem havia passado.

A abnegação com que meu pai enfrentava a ardência da *parota* parecia fortalecê-lo. As lascas de madeira eram a forragem de sua toca, e ele não gostava que varrêssemos o chão. Quando ele saía para comprar materiais, minha mãe pedia que dona Beatriz e eu a ajudássemos na limpeza da oficina. Ao retornar e

ver o chão descoberto, meu pai resmungava e voltava ao trabalho, apressando-se para produzir novos resíduos com os quais se proteger.

A fama da habilidade de meu pai para consertar móveis se espalhou pela vizinhança e a oficina foi se enchendo de mesas bambas, cadeiras de balanço com a trama de palha rasgada e armários que exibiam descaradamente as costelas descaradas de suas prateleiras. A cada caso, eu aprendia soluções e recursos. Na área livre que dividia a oficina ao meio, os trabalhos em andamento eram distribuídos: enquanto alguém lixava um conjunto de cadeiras, outro colava as pernas numa mesa apoiada em dois cavaletes, outro pintava uma estante, outro aplainava uma mesa. Sempre havia alguma ação hipnótica, metódica e repetitiva em que se podia fixar o olhar e se perder.

Nos fundos, atrás da escada, havia uma carteira escolar onde mamãe anotava pedidos e passava orçamentos. Era ela quem lidava com os clientes; ela inspirava confiança, as pessoas conheciam seu trabalho de costura e sentiam que, de alguma forma, o móvel solicitado também era uma peça sob medida. Meu pai se limitava a dar instruções aos ajudantes e a diagnosticar os móveis a serem consertados. Geralmente ele acabava dizendo: sim, é possível, claro que podemos, tudo tem solução. Até colou uma placa na parede, ao lado da mesa, que dizia TUDO TEM SOLUÇÃO e, em letras pequenas, “(exceto o amor, a morte e a feiura)”. Tinha feito tantas vezes a mesma brincadeira que acabou mandando imprimir na gráfica, para pendurar em uma moldura sem vidro, ao lado das licenças da prefeitura, a placa “Fazemos o impossível imediatamente, para milagres precisamos de um pouquinho mais de tempo”; e o calendário “Carpintaria Sánchez”, cuja paisagem mudava a cada ano. No Natal, não havia cliente que não saísse com o seu enrolado debaixo do braço, preso por um atilho.

Sob o abrigo daqueles troncos mutilados, descobri o milagre de dar forma útil à matéria. A planta abandonava sua natureza selvagem para adaptar-se a formas geométricas; estilizava-se em silhuetas finas e superfícies perfeitamente lisas, em pernas torneadas, em molduras peito de pombo. De tanto eu me aproximar para espiar, meu pai começou a me incluir no trabalho, colocando uma lixa ou um pincel seco em minhas mãos. Mas, claro, eu ficava entediada com essas tarefas insignificantes. Queria era fazer coisas importantes, submeter a madeira a arestas de aço, enrolar, furar, lixar, transformar uma coisa em outra. Ficava desesperada, deixava a tábua meio lixada e subia para o andar de cima do mezanino. Depois de um tempo, descia de novo e tentava a sorte outra vez. Foi assim que meu temperamento obstinado ganhou terreno frente às arestas afiadas e ao maquinário pesado.

Depois do acidente com a serra, tive que recomeçar do zero aquela tarefa de convencimento, com o agravante de que minha mãe agora se opunha abertamente e discutíamos o tempo inteiro. Ela queria que eu aprendesse a fazer ponto-cruz e eu queria tecer com palha; ela me mandava para aulas de dança e eu ia para oficinas de cerâmica, marcenaria, ferraria ou torno; ela me mandava comprar um metro de elástico de três-quartos e eu fugia para fumar cigarros sem filtro: Raleigh, Gratos, Alas, Faros. Para não a preocupar muito, eu compensava minhas inquietações mais selvagens com aulas de encadernação, costura e panificação artesanal.

À medida que fui crescendo, meus desejos também foram aumentando. Queria morar sozinha, visitar todos os museus, ouvir todas as músicas, ir ao teatro, às salas de cinema onde passavam filmes europeus, entender de arte, ir em busca de algo mais sublime do que móveis e roupas, tão toscos. Não dou a mínima pros seus trapos, disse à minha mãe no dia em que ela me deu um tapa.

Eu tinha quase dezenove anos e estava prestes a sair para o café onde os poetas tomavam cerveja e liam suas criações no microfone, porque um deles gostava de mim e eu também gostava dele, embora ele não tivesse nem onde cair morto. Minha mãe insistiu que fôssemos com minhas primas escolher os tecidos dos vestidos que usaríamos em um casamento. Nós duas perdemos a paciência. Depois do tapa, do choro e do arrombamento da porta do meu quarto com a gazua que ela guardava para esses casos, confessei, ainda indignada, que havia começado os trâmites para ir estudar na capital. Eu tinha economizado para isso. Nem ela nem meu pai conseguiram me dissuadir. Algumas semanas depois, me despedi deles da janela do ônibus que me levaria a uma vida nova e completamente minha. Quando saí, a enorme mochila pesava a mesma coisa que um travesseiro de penas; o lastro exato para que meus pés não saíssem do chão.

Demorei a entender a linguagem e o ritmo das pessoas daqui, abrir na minha cabeça o mapa das cinco direções² para não me perder. Encontrei um apartamento minúsculo no sótão de um prédio de escritórios, improvisei uma estante e uma mesa, coloquei primeiro um colchão inflável e depois um colchão de verdade; na sequência vieram o frigobar, a máquina de lavar roupas e o sofá florido de dois lugares, que alguém deixou abandonado na rua. Eu finalmente podia comer na cama e deixar a roupa espalhada pelo chão, encher o quarto de fumaça, beber na segunda-feira, passar roupa nua, ler até de madrugada. Também mudei meu vocabulário e meus modos, fiquei pretensiosa, ridícula, me fazia de culta.

Estava me preparando para as provas do primeiro semestre do curso de História da Arte quando recebi a notícia: minha mãe

2. N. da T.: mapa pré-hispânico segundo o qual os antigos mexicas concebiam o universo e que era composto pelos quatro pontos cardeais mais a linha vertical de cima para baixo.

estava no hospital. Deixei o orgulho de lado para estar com ela, mas não foi possível curar a fratura, não deu tempo. A fibrose cística que ela sempre manteve sob controle, quase secretamente, acabou sufocando-a em poucos dias. Depois do enterro, meu pai não quis mais saber da oficina, nem de mim, nem de ninguém. O hospital o encheu de dívidas, mas ele não queria mais receber encomendas. Rasgou a placa que mandara imprimir na gráfica e se amaldiçoou por ter mencionado tantas vezes a morte, como uma invocação. Perdemos o imóvel, o maquinário, o mezanino. Ele se enfiou na casa da vovó e começou a beber. Suas mãos começaram a tremer. Pobres mãos. Nunca aprenderam a ficar paradas, sem fazer nada.

Voltei à capital com o pretexto de continuar a faculdade. Essa cidade é tão grande que você pode se esconder até de si mesmo. Repeti o primeiro semestre e fui aprovada com tanta facilidade que me deu gás para passar pelo segundo, pelo terceiro e pelo quarto sem contratemplos. Depois de me formar, fiz a seleção para o mestrado, então vieram os trâmites para a bolsa, os trabalhos esporádicos de encadernação, gripes, conjuntivite, livros de teoria da restauração, estágios de laboratório e de campo, as primeiras encomendas, um gato amarelo chamado Bodeler, o *Dictionnaire raisonné du mobilier français* e os cursos de sábado na Aliança Francesa para compreendê-lo, trabalhos esporádicos, correr por caminhos arborizados, ler Benjamin e Bourdieu para a dissertação, inventar cinquenta maneiras de comer espaguete, fugir do síndico do prédio, beber vinho, uísque, Red Bull, fumar, perder Bodeler, andar em busca de casarões abandonados, trabalhar e trabalhar e trabalhar, dedicada a produzir resíduos com os quais me proteger.